

AS CORTESÃS TERCENCIANAS¹

Aires Pereira do Couto

Universidade Católica Portuguesa

RESUMO

Se, na comédia plautina, a cortesã aparece quase sempre retratada como uma *mala meretrix*, com Terêncio ela afasta-se do seu carácter tradicional e é apresentada de um modo diferente.

Este estudo pretende, através da análise de cada uma das cortesãs terencianas, demonstrar que a maioria delas não se preocupa apenas em assegurar o seu futuro, procura também – através de uma conduta nobre e generosa, e, por vezes, com um sorriso desencantado e uma profunda compreensão das amarguras humanas, em resultado da longa experiência de sofrimento que possui – reabilitar a sua imagem e ser digna do respeito e da estima das outras pessoas.

ABSTRACT

If, in the Plautine comedy, the courtesan is almost always depicted as the *mala meretrix*, in Terence she distances from her traditional character and is presented in a different way.

Through the analysis of each one of Terence's courtesans, this study aims to show that most of them do not worry about having a safe future. Through a noble and generous behaviour, and, sometimes with a disenchanted and deep understanding of human suffering, as a result from their long experience of distress, they also aim to rehabilitate their image in order to deserve other people's respect and esteem.

As cortesãs do teatro latino não são, qualquer que seja o seu estatuto social e jurídico, vulgares prostitutas. Aliás, não querem, de modo algum, ser confundidas com elas. Gimnásio, uma das cortesãs da *Cistellaria* de Plauto, não quer permanecer sozinha na rua, porque isso é coisa de vulgar prostituta². Trabalham, algumas vezes, sob as ordens de uma alcoviteira, a *lena*, que é, por norma, a sua própria mãe, também ela uma ex-cortesã forçada, pelo inexorável efeito da idade, a

¹ Este estudo retoma, com ligeiras alterações, aquele que publicámos em 2006, com o título “As cortesãs em Terêncio”, na obra *Estudios sobre Terencio*, Granada, 2006, pp.265-290, editada por Andrés Pociña, Beatriz Rabaza e Maria de Fátima Silva.

² Cf. Plauto, *Cistellaria* 331.

reformatar-se³. Outras vezes são independentes e tratam elas próprias dos seus negócios⁴. As cortesãs têm consciência de que é a atracção pela sua beleza que leva os amantes a cortejá-las, de tal modo que Báquis, por exemplo, reconhece que ao declínio da beleza e da juventude corresponde um afastamento dos amantes, por isso têm de se aproveitar deles o mais possível – enquanto podem – para que na velhice não vivam abandonadas e na miséria (cf. *Heautontimorumenos* 389-391)⁵.

G. E. Duckworth⁶ distingue em Plauto dois tipos de cortesãs: as verdadeiras, ávidas e mercenárias, e aquelas que estão apaixonadas pelos seus amantes e que esperam ansiosamente obter o estatuto de mulheres livres para poderem ficar com eles. Não nos parece que as que se inserem neste segundo grupo, como é o caso de Pasicompsa, do *Mercator*⁷, e de Selénio, da *Cistellaria*, devam ser consideradas verdadeiras cortesãs, pois o seu comportamento em nada se identifica com o delas, e até vivem com um só homem, que amam verdadeiramente. Parece-nos, pois, mais adequado considerar apenas um tipo de cortesã em Plauto: a verdadeira cortesã plautina, aquela que tem como único objectivo defender os seus interesses e que é incapaz do verdadeiro amor e de qualquer tipo de emoção.

Nas palavras de Astáfio, a criada da cortesã Fronésio⁸, do *Truculentus* de Plauto, uma cortesã deve ser como um silvado: a quem quer que a toque deve provocar ferimentos. Nunca uma cortesã deve dar ouvidos às queixas do seu amante; se este já não tiver com que pagar deve ser despachado e dar o lugar àqueles que têm. É que o bom amante é aquele que esquece o que deu e que apenas pensa em esbanjar a sua fortuna:

³ É o que acontece com Cleéreta, da *Asinaria*, e com Sira, da *Cistellaria*.

⁴ É o caso, por ex., das Báquides, da peça homónima; de Filótis, da *Hecyra*; e até de Táis, do *Eunuchus*. Vd. G. Charbonnier (1969: 451-550), particularmente as pp. 474-477.

⁵ Sobre o amor meretrício enquanto iniciação sentimental masculina, veja-se F. Oliveira (2006: 333-355).

⁶ (1994: 258).

⁷ Vide A. Couto (2007: 41-73)

⁸ A cortesã Fronésio é, como já afirmou G. E. Duckworth (1994: 258), o melhor exemplo da cortesã tipicamente ávida e mercenária de toda a comédia latina.

*Meretricem sentis similem esse concedet;
 quemquem hominem attigerit, profecto ei aut malum aut damnum dare.
 Numquam amatoris meretricem oportet causam noscere,
 quin, ubi nil det, pro infrequente eum mittat militia domum.
 Nec umquam erit probus quisquam amator nisi qui rei inimicust suae.
 Dum habeat, dum amet; ubi nil habeat, alium quaestum coepiat.
 Aeque animo, ipse si nil habeat, aliis qui habent det locum.
 Nugae sunt, nisi qui modo cum dederit, dare iam lubeat denuo.
 Is hic amator apud nos qui quod dedit id oblitust datum. (227-235)⁹*

Também a alcoviteira Cleéreta, da *Asinaria* de Plauto, uma excortesã que explora os encantos da sua filha Filénio, recorda ao jovem Diábolo, outrora rico mas agora na miséria por causa da voracidade da alcoviteira, os princípios pelos quais se deve reger a vida de uma cortesã, para quem o amante deve ser como um peixe: não vale nada se não for fresco. É que o novo amante quer dar, quer que se lhe peça alguma coisa; aliás ele nem sabe o que dá, nem o que gasta; só deseja uma coisa – agradar a todos:

*Quasi piscis itidemst amator lenae: nequam est nisi recens.
 Is habet sucum, is suavitatem; eum quouis pacto condias,
 uel patinarium uel assum; uerses quo pacto lubet.
 Is dare uolt, is se aliquid posci; nam ibi de pleno promitur;
 neque ille scit quid det, quid damni faciat; illi rei studet:
 uolt placere sese amicae, uolt mihi, uolt pedisequae,
 uolt famulis, uolt etiam ancillis, et quoque catulo meo
 subblanditur nouos amator, se ut quom uideat gaudeat. (178-185)*

Quer as palavras de Astáfio quer as de Cleéreta constituem um verdadeiro retrato da personalidade da ávida e insaciável cortesã plautina que, como diz Sira – a alcoviteira mãe da cortesã Gimnásio, da *Cistellaria* de Plauto –, é comparável a uma cidade opulenta que não pode prosperar sozinha, sem a ajuda de muitos homens:

*Verum enim meretrix fortunati est oppidi simillima;
 non potest suam rem obtinere sola sine multis uiris. (80-81)*

Se na comédia plautina a cortesã aparece quase sempre retratada como uma *mala meretrix*¹⁰, com Terêncio ela afasta-se do seu carácter

⁹ Os versos das peças de Plauto que transcrevemos neste estudo reproduzem os da edição de A. Ernout (Paris, Les Belles Lettres).

¹⁰ Esta classificação aparece no verso 57 dos *Captiui* de Plauto e é depois retomada por Terêncio no verso 37 do *Eunuchus*.

tradicional e é apresentada de um modo diferente. O tipo dominante já não é o da cortesã ávida e mercenária, habitual em Plauto. Como veremos, apenas a Báquis, do *Heautontimorumenos*, e a velha Sira, da *Hecyra*, deixam transparecer algumas das características das cortesãs plautinas. A maioria das cortesãs terencianas já não se preocupa apenas em assegurar o seu futuro, procura também, através de uma conduta nobre e generosa, reabilitar a sua imagem e ser digna do respeito e da estima das outras pessoas. De facto, a cortesã terenciana pertence a uma classe mais elevada do que a plautina. Pelo seu estilo e pela sua educação, ela aparece como uma boa companhia, como alguém capaz de exprimir sentimentos de amizade, de afeição, de abnegação e de reconhecimento.¹¹ Mas a cortesã, em Terêncio, surge também, muitas vezes, com um sorriso desencantado e uma profunda compreensão das amarguras humanas, em resultado da longa experiência de sofrimento que possui.

Báquis, da *Hecyra*, e Taís, do *Eunuchus*, são as mais importantes e mais bem conseguidas e genuínas representantes das cortesãs terencianas¹², duas cortesãs que, capazes de pôr os interesses dos outros à frente dos seus, protagonizam, como veremos, actos particularmente nobres e generosos, assumindo-se como dignas representantes da *bona meretrix* tipicamente terenciana¹³. Mas vejamos, seguindo a cronologia tradicional, o retrato de cada uma das cortesãs terencianas.

¹¹ Cf. G. Charbonnier (1969: 504 e 510).

¹² As outras são: Filótis e Sira, da *Hecyra*, e Báquis, do *Heautontimorumenos*. Omitimos deste número Crísis, a cortesã da *Andria*, que só existe como personagem através da referência feita por outras personagens como o velho Simão que, ao recordá-la, faz o seu retrato (v. 69 sqq). Refira-se que quando a peça começa, já Crísis havia morrido. É através dele que ficamos a saber que Crísis fora uma mulher lindíssima, vinda de Andros, que começou por se dedicar a uma vida honesta, mas que a constante solicitação e sedução por parte dos pretendentes acabaram por conduzir para os caminhos da prostituição.

¹³ D. Gilula (1980: 142-163) diverge da maior parte dos comentadores antigos e modernos – com os quais concordamos – que consideram a *bona meretrix* tipicamente terenciana, ao afirmar que “all the *meretrices* of Terence are of the *meretrix mala* type” (144). Vai mesmo mais longe, ao afirmar que a “goodness is incompatible with the concept of hetaera as a stock-character. In Comedy goodness in a courtesan signals a deviation from normal standards, a hint that something is unusual. This is confirmed when it is discovered that the girl is not really a hetaera but a pseudo-hetaera. The excellence of her conduct is attributed to her native nobility” (147). Para Gilula, ser

BÁQUIS (*Heautontimorumenos*)

A Báquis, da peça *Heautontimorumenos*, é o melhor exemplo da cortesã terenciana ávida, faustosa e insaciável¹⁴, caracterizada pelo seu amante Clitifão – a quem ela exigia incessantemente prendas e dinheiro – como “mandona, provocante, altaneira, pródiga, com a mania das grandezas”¹⁵ (227: *meast potens, procax, magnifica, sumptuosa, nobilis*). Das palavras de Clitifão, conclui-se que ela assume o papel tradicional da cortesã pérfida e gananciosa. No entanto, nas primeiras palavras que profere na peça, no início da cena IV do acto II (381-395), numa conversa com a jovem Antífila – cujas virtudes Báquis elogia – ela revela, como notou W. Medeiros¹⁶, “um espírito reflexivo, resignado e saudoso da vida virtuosa”:

*Edepol te, mea Antiphila, laudo et fortunatam iudico
id cum studuisti isti formae ut mores consimiles forent,
minimeque, ita me di ament, miror si te sibi quisque expetit;
nam mihi quale ingenium haberes fuit indicio oratio,
et cum egomet nunc mecum in animo uitam tuam considero
omniumque adeo uostrarum, uolgens quae ab se segregant,
et uos esse istius modi et nos non esse haud mirabilest;
nam expedit bonas esse uobis; nos, quibuscum est res, non sinunt;
quippe forma impulsu nostra nos amatores colunt;
haec ubi imminuta est, illi suum animum alio conferunt;
nisi si prospectum interea aliquid est, desertae uiuimus.
Vobis cum uno semel ubi aetatem agere decretumst uiro,
cuius mos maximest consimilis uostrum, hi se ad duos adplicant;
hoc beneficio utrique ab utrisque uero deuincimini
ut numquam ulla amoris uestro incidere possit calamitas. (381-395)¹⁷*

cortesã implica obrigatoriamente um rótulo de *mala*, independentemente do seu comportamento. Não podemos, à semelhança de outros comentadores da obra de Terêncio (e. g. O. Knorr), concordar com esta opinião polémica; aliás, como veremos, a Tais, do *Eunuchus*, e a Báquis, da *Hecyra*, constituem uma evidência de que existem cortesãs que, pela sua conduta, são efectivamente *bonae*.

¹⁴ G. E. Duckworth (1994: 259) considera a Báquis do *Heautontimorumenos* “Terence’s only mercenary courtesan”. Esta afirmação não tem em conta, naturalmente, a amargurada e velha cortesã Sira, o que, aliás, se entende perfeitamente, pois ela já não exerce o ofício e aparece na *Hecyra* para, por contraste, salientar essencialmente as qualidades da jovem Filótis.

¹⁵ A tradução dos passos do *Heautontimorumenos* e da *Hecyra* apresentados neste estudo são da autoria do Prof. Walter de Medeiros.

¹⁶ (1992: 161, n.93).

¹⁷ Os versos latinos das peças de Terêncio que transcrevemos neste estudo reproduzem os da edição de J. Marouzeau (Paris, Les Belles Lettres).

As suas palavras demoradas e convencionais, proferidas ao longo de quinze versos, são entoadas à maneira da *meretrix bona* tipicamente terenciana, para que desse modo possa explicar as razões da sua actuação e exprimir aquilo que W. Medeiros chamou de “uma saudade-inveja da virtude que para sempre perdeu.”¹⁸ É com particular lucidez e em linha com a filosofia de vida defendida pela velha cortesã Sira, na cena I do acto I da *Hecyra*, que Báquis, a partir do verso 388, reconhece os condicionalismos do seu estatuto de cortesã e tem consciência de que foi a atracção pela sua beleza que levou os seus amantes a cortejá-la; por isso, quando esta perde o fulgor, eles transferem o coração para outro lado. E é por estar consciente deste tipo de comportamento que ela sabe que se uma cortesã não tomar algumas providências, enquanto agrada aos seus amantes, estará condenada a viver no abandono. É evidente o contraste entre o discurso de Báquis e a brevidade e simplicidade dos dois versos (396-397) que constituem a resposta de Antífila, nos quais a jovem namorada de Clínia professa a sua dedicação e empenho num amor verdadeiro e desinteressado.

A sumptuosidade de Báquis, que se faz acompanhar por mais de dez escravas, carregadas de roupas e objectos de ouro (cf. 449-452), faz dela uma cortesã de luxo, uma verdadeira perdição de clientes, cujos favores só estavam ao alcance daqueles que tinham grandes riquezas para poderem gastar com ela (cf. 448). O velho Cremes chama a atenção do velho Menedemo para esta característica de Báquis e das suas acompanhantes e para as consequências nocivas que um convívio continuado com elas acarretará forçosamente. É por experiência própria que ele faz esta afirmação e, por isso, recorda-lhe, de um modo algo hiperbólico, a experiência que com elas teve ao oferecer-lhes um jantar que resultou numa despesa tal que, se tivesse de lhes oferecer um segundo, ficaria arruinado (455-462). Mais tarde (749-756), Cremes chega mesmo a ter pena de Menedemo pelo facto de ele ter de sustentar Báquis e o seu séquito.

O jovem Clitífilo e o escravo Siro afirmam que ela está habituada a desprezar e a manobrar habilmente todo o tipo de pessoas em função dos seus próprios interesses (cf. 363 e 366 sq.). E o mesmo escravo considera-a uma cortesã da pior espécie: *pessima meretrix* (599), que

¹⁸ (1992: 20).

foi capaz de ficar com uma moça como fiança de uma dívida da sua mãe, quando esta morreu (600-603).

Estas palavras antecipam o comportamento que Báquis vai assumir na sua segunda e última aparição em cena (724-748), onde intervém como cortesã ávida e gananciosa. O seu carácter interesseiro e vingativo fica bem patente quando se irrita por Siro não lhe querer dar as 10 minas previamente acordadas – é que esse pagamento tinha sido a única razão que a convencera a ir a casa de Cremes – e, por isso, promete vingança (723-728). Báquis tem consciência de que, para poder manter o seu nível de vida, precisa de rendimentos; assim, enquanto prepara a sua vingança de Siro, não perde tempo e, fazendo uso de toda a sua *ars meretricia*¹⁹, pensa de imediato numa outra fonte de receita: manda a sua escrava Frígia ir ao encontro do soldado e dizer-lhe que ela irá ter com ele (730-735). O escravo Siro sabe que Báquis é uma mulher decidida, e como precisa de a levar para casa do velho Menedemo para que o seu plano tenha sucesso, não tem outra alternativa senão garantir-lhe que o dinheiro lhe será entregue (736 sqq.).

O pai de Clitifão, o velho Cremes, diz que ela é capaz de dar cabo da casa dele em menos de dez dias (909), por isso, quando descobre que o seu filho e Báquis são amantes, ameaça deserdá-lo para evitar que os seus bens acabem por ir parar às mãos da cortesã (1050).

Ao contrário da sua homónima da comédia *Hecyra*, esta Báquis é ávida e gananciosa, ainda que por vezes procure disfarçar estas características. Ela é, de entre o pequeno grupo das cortesãs terencianas, a que mais se aproxima da cortesã tipicamente plautina, sem, no entanto, apresentar a mesma dose de truculência e de viveza.²⁰

TAÍS (*Eunuchus*)

Taís, a muito desejada cortesã apaixonada por Fédria, é uma das personagens terencianas mais complexas. Ela aparece, nas palavras de

¹⁹ Cf. O. Knorr (1995: 230).

²⁰ Vão também, de certo modo, neste sentido as palavras de O. Knorr, quando conclui que “Terence has portrayed Bacchis carefully and consistently throughout the whole play, though neither as *bona* nor as *mala meretrix*. Like his admired predecessor Menander, he has avoided using the stock types of *meretrices* that were traditional in comedy” (1995: 233).

Charbonnier, como “la courtisane aux deux visages”²¹, a que controla todas as situações. A sua carreira é um sucesso; um amante tinha-lhe deixado tudo o que ela tinha (cf. 120) e levava uma vida de nível bastante elevado, possuindo escravos e criadas. À primeira vista, os seus costumes, a sua maneira de ser e de estar parecem não a distinguir em nada das outras cortesãs tradicionais, interesseiras e gananciosas, que não olham a meios para atingir os seus fins. Até o seu favorito, o apaixonado Fédria, não sabe o que fazer perante a aparente inconstância caprichosa da sua amante, que na véspera o expulsara de sua casa – trocando-o momentaneamente por Trasão, um generoso soldado fanfarrão – e agora o voltava a chamar (cf. 46-49). É precisamente nestes versos que surge a primeira referência a Taís, embora sem que ela seja nomeada, o que acontecerá apenas no verso 91.

Nos versos 70-73, Fédria, que se sente um brinquedo nas mãos de Taís, apresenta-a como uma vulgar cortesã, que ele rotula de *scelestam* (71). No início da comédia, ela aparece, de facto, a gerir habilmente as investidas de dois homens – o jovem Fédria e o soldado fanfarrão Trasão – que disputam a exclusividade dos seus favores através de prendas (cf. 122 e 163 sqq.). Aparentemente recebe as ofertas de ambos sem se comprometer exclusivamente com nenhum deles, de tal modo que o escravo Parmenão comenta, em aparte e com alguma ironia, que Trasão e o parasita Gnatão pensam que Taís é deles só porque lhe deram uma moça de prenda (269-270: *Hisce hoc munere arbitrantur / suam Thaidem esse*).

Por razões estritamente pessoais, o escravo Parmenão – que é claramente hostil às cortesãs em geral e a Taís em particular – procura dar dela uma imagem pouco abonatória, atribuindo-lhe as características próprias da *mala meretrix*. Começa por, metaforicamente, considerá-la o flagelo das propriedades, já que é ela que subtrai os bens que deveriam ser extraídos por outros:

*Sed eccia ipsa egreditur, nostri fundi calamitas;
nam quod nos capere oportet, haec intercipit.* (79-80)

E perto do final da peça, no verso 927, refere-se a ela como sendo uma *meretrix auara*, para logo de seguida fazer uma descrição dos hábitos das cortesãs que, na sua opinião, vivem só de aparências.

²¹ (1969: 506).

Quando estão fora de casa parece que não há nada mais asseado, mais sofisticado e mais elegante; mas quando estão sozinhas em casa, à sua volta só há sujidade e miséria, e, ávidas de comida, devoram o pão negro molhado no caldo da véspera:

*Quae dum foris sunt, nihil uidetur mundius
nec magis compositum quicquam nec magis elegans;
quae cum amatore suo cum cenant, ligurriunt,
harum uidere inluuiem, sordes, inopiam,
quam inhonestae solae sint domi atque auidae cibi,
quo pacto ex iure hesterno panem atrum uorent. (934-939)*

Bem reveladoras também do quanto Parmenão detesta as cortesãs são as palavras que ele profere em aparte, nos versos 997-1001, quando confessa a sua alegria pela expectativa de, por causa dele, lhes ir acontecer algo de mau; é que, segundo ele, também o pai de Fédria andava à procura de um pretexto para lhes dar uma grande lição:

*Non dubiumst quin mi magnum ex hac re sit malum,
nisi, quia necessus fuit hoc facere, id gaudeo,
propter me hisce aliquid esse euenturum mali;
Nam iam diu aliquam causam quaerebat senex
quamobrem insigne aliquid faceret eis; nunc repperit. (997-1001)*

Também Quérea, para tentar justificar o vergonhoso acto que tencionava pôr em prática ao disfarçar-se de eunuco, se referira às cortesãs, nos versos 382-384, como flagelos que desprezam os jovens e que os atormentam e enganam sempre por todos os meios:

*An id flagitiumst, si in domum meretriciam
deducar et illis crucibus quae nos nostramque adulescentiam
habent despiciatam et quae nos semper omnibus cruciant modis
nunc referam gratiam atque eas itidem fallam ut ab illis fallimur?*

Tendo em conta estas opiniões, e numa primeira análise do comportamento de Taís, somos levados a considerá-la uma típica cortesã, interesseira e gananciosa. Mas a realidade é bem diferente, pois, como veremos, este retrato estereotipado das cortesãs, particularmente desfavorável para a sua imagem, não se aplica, de modo algum, a Taís, que nada tem em comum com o que é dito por Parmenão e por Quérea. De facto, é uma razão muito nobre que a leva

a ter esse tipo de comportamento: o desejo de devolver uma jovem cidadã ateniense à sua família. Mas para que se percebam melhor as verdadeiras razões de Taís, contemos, em poucas palavras, a história dessa moça:

Outrora, a mãe de Taís, que morava em Rodos, recebeu de presente uma criança ateniense, raptada por piratas, que ela educou como se fosse sua filha. Um dia, Taís conheceu um soldado estrangeiro e veio com ele para Atenas, onde ele lhe montou casa, antes de partir para Cária. Entretanto, a mãe de Taís morreu e a moça ficou a cargo do tio de Taís, um homem ganancioso que logo a vendeu; tendo ela sido então comprada, por obra do acaso, por Trasão, o soldado perdido de amores por Taís, que viu na moça uma ótima prenda para oferecer à sua amada. No entanto, o soldado, ao aperceber-se que havia sido trocado por Fédria, o jovem por quem a cortesã estava apaixonada, ameaça-a de que só lhe dará a moça se ela continuar a conceder-lhe os seus favores. Com isto não contava Taís, que pretendia devolvê-la à família e, por isso, marcara encontro com o irmão da rapariga para este mesmo dia (cf.130 sqq.). Todas as atitudes de Taís visam, pois, a concretização deste louvável desiderato que – espera ela – lhe permitirá arranjar alguns amigos (cf.147-149)²². Foram estas as razões que a levaram a, por um lado, não deixar que Fédria – aquele que ela ama verdadeiramente (cf. 95-96 e 201) e que ela trata ternamente, ao longo da cena II do acto I, quatro vezes por *mi Phaedria*²³ – entrasse em sua casa no dia anterior, e, por outro lado, a procurar convencê-lo a não a visitar durante alguns dias:

*Id, amabo, adiuta me quo fiat facilius.
Sine illum priores partis hosce aliquot dies
apud me habere... Nihil respondes? (150-152)*

²² John Barsby vê nas palavras proferidas por Taís nos versos 147-149:

*Sola sum. Habeo hic neminem
neque amicum neque cognatum. Quam ob rem, Phaedria,
cupio aliquos parere amicos beneficio meo.*

uma prova de que a sua atitude não é completamente desinteressada. (Cf. 1999: 225). Ainda que assim seja, não nos parece que essas palavras devam ser particularmente valorizadas em detrimento do acto que ela pretende praticar e que concretizará mais tarde (cf. 745-750). É que ela não deixa qualquer dúvida sobre a generosidade do seu acto quando, no verso 749, diz a Cremes que lhe oferece a sua irmã e não lhe exige nenhum pagamento por ela.

²³ Cf. 86, 95, 144 e 190.

O romântico e emotivo Fédria é que não consegue perceber as atitudes da pragmática Taís. Não só não entende o que ela lhe fez na véspera, quando o impediu de entrar em sua casa:

*Quid "missa"? O Thais, Thais, utinam esset mihi
pars aequa amoris tecum ac pariter fieret,
ut aut hoc tibi doleret itidem ut mihi dolet
aut ego istuc abs te factum nihili penderem!* (91-94)

como também não reage bem quando ela lhe pede que, durante alguns dias, ele permita que o soldado Trasão tenha a primazia em casa dela (cf. 151). De pouco lhe vale chamá-lo de homem da sua vida: *anime mi* (95), pois em troca recebe de Fédria um impetuoso *pessuma* (152). Ele não se consegue aperceber que Taís também sofre com o que lhe está a pedir. Ela própria o confessou nas primeiras palavras que proferiu na peça, num breve monólogo que começa com um expressivo *miseram me*:

*Miseram me, uereor ne illud grauius Phaedria
tulerit neue aliorsum atque ego feci acceperit,
quod heri intro missus non est.* (81-83)

Toda a capacidade de persuasão de Taís fica bem patente nos versos 171 sqq., quando, perante a argumentação de Fédria, parece recuar, dizendo que fará o que ele mandar (174). Reforça essa ideia perguntando-lhe, através de uma interrogativa próxima da *exclamatio*, se não conseguiu sempre tudo o que quis dela, mesmo por capricho (179-180), e vitimiza-se ao lamentar-se de que, apesar de tudo o que ela lhe dá, ele não é capaz de ceder o seu lugar durante somente dois dias (181-182). Este braço de ferro acabou por ter o desfecho esperado: Fédria não resistiu ao sortilégio e ao poder persuasivo de Taís e apenas lhe resta proferir um amargo e forçado “é claro que se tem de fazer o que tu queres” (185-186: *Scilicet / faciendumst quod uis*). Afirmação que, como é natural, deixou Taís de tal modo radiante, que não resiste em considerá-lo uma jóia de rapaz e que faz muito bem em amá-lo (186: *Merito te amo, bene facis*).

Taís afasta eventuais dúvidas sobre a sua sinceridade e os seus genuínos sentimentos num outro monólogo que profere nos versos 197-206, e que, curiosamente, começa, tal como o dos versos 81-83, por um expressivo *me miseram*, palavras bem reveladoras do seu bom

na moça. A sua estupidez e as suas palavras pomposas até as consegue suportar, mas só enquanto forem palavras, pois se elas vierem a ser postas em prática, então ela não hesitará em recorrer à força:

*Atqui si illam digito attigerit uno, oculi ilico effodientur.
Vsque adeo ego illius ferre possum ineptiam et magnifica uerba,
uerba dum sint. Verum enim si ad rem conferentur uapulabit. (740-742)*

A sua aversão ao soldado Trasão está bem patente no desdém com que o trata na cena VII do mesmo acto (cf. 785, 793, 796 e 810).

Mas esta mudança no comportamento de Taís é passageira, resulta de circunstâncias muito peculiares, e tem um único destinatário – o soldado Trasão. Somos, pois, de opinião que a valoração desta mudança de comportamento deve ser minimizada em relação àquele que é o seu verdadeiro carácter, que se revela no momento em que restitui, sem exigir qualquer espécie de compensação, Pânfila ao seu irmão:

THAIS	<i>Quia, dum tibi sororem studeo reddere ac restituere, haec atque huiusmodi sum multa passa.</i>
CHREMES	<i>Vbi east?</i>
THAIS	<i>Domi apud me.</i>
CHREMES	<i>Hem!</i>
THAIS	<i>Quid est?</i>
	<i>Educta ita uti teque illaque dignumst.</i>
CHREMES	<i>Quid ais?</i>
THAIS	<i>Id quod res est hanc tibi dono do neque repeto pro illa quicquam abs te preti.</i>
CHREMES	<i>Et habetur et referetur, Thais, ita uti merita es gratia. (745-750)</i>

A bondade e a generosidade de Taís vão manifestar-se de novo, agora em relação ao jovem Quérea, que, ao ter violado Pânfila, deitou por terra todos os planos da cortesã. Esta começa por criticar a sua atitude:

*Missa haec faciamus. Non te dignum, Chaerea,
fecisti. (864-865)*

Ainda que logo a seguir admita que ela, por ser cortesã, possa ser merecedora deste tipo de afronta:

*Nam si ego digna hac contumelia
sum maxime, at tu indignus qui faceres tamen. (865-866)*

Mas o que a preocupa verdadeiramente é a situação em que fica a jovem depois do que aconteceu:

*Neque edepol quid nunc consili capiam scio
de uirgine istac; ita conturbasti mihi
rationes omnes ut eam non possim suis
ita ut aequom fuerat atque ut studui, tradere,
ut solidum parerem hoc mihi beneficium, Chaerea. (867-871)*

Preocupações que já deixara bem patentes quando se sentiu perdida ao saber da violação de que a moça fora alvo:

*Hem, misera, occidi
infelix, siquidem tu istaec uera praedicas.
Num id lacrimat uirgo? (827-829)*

Mas depois das justificações de Quérea, Taís, que é uma mulher sensível ao amor, revela-se extremamente compreensiva e humana ao perdoar-lhe aquele acto irreflectido, ainda que cometido por amor:

*Scio,
et pol propterea magis nunc ignosco tibi.
Non adeo inhumano ingenio sum, Chaerea,
neque ita imperita ut quid amor ualeat nesciam. (878-881)*

Curiosamente, a cena que antecede esta atitude de Taís, a cena I do acto V, mostra uma outra faceta desta complexa personagem. De facto, quando discute com a sua criada Pítias, a propósito da violação de que foi alvo Pânfila, ela mostra-se particularmente irritada e insultuosa, recorrendo frequentemente ao uso de vocativos para insultar a criada pela sua irresponsabilidade: (817: *scelesta*; 825: *uenefica*; 829: *sacrilega*; 832: *scelesta*; 837: *stulta*). Mas toda esta agressividade é resultado do medo e da desilusão e até mesmo da vergonha que sente pelo que aconteceu (cf. 827-828 e 832-833).

No final da peça, Taís aparece como vencedora em todas as frentes: ficou com Fédria, que ela ama verdadeiramente mas que é um joguete nas suas mãos; conseguiu devolver Pânfila ao seu irmão Cremes, que começou por olhá-la com desconfiança (507 sqq.) mas acabou por lhe ficar reconhecido (750); o soldado Trasão pretendeu, a qualquer custo, ficar ligado a ela; e Quérea passou a confiar totalmente nela e tomou-a como sua protectora (885-888), considerando mesmo

que ninguém é mais digno de ser amado do que ela (1051). Em suma, as qualidades de Taís foram reconhecidas por todos e valeram-lhe, como refere Quérea, não só ficar sob a protecção da totalidade dos membros da sua família:

*Vnast domus,
Thais patri se commendauit, in clientelam et fidem
nobis dedit se. (1038-1040)*

mas também ser vista como uma verdadeira benfeitora:

*Nil est Thaide hac, frater, tua
dignius quod ametur; ita nostrae omni est fauatrix familiae. (1051-1052)*

Esta imagem contrasta com a que o parasita Gnatão procura dar, pouco depois, no verso 1075, quando diz que Taís necessita de receber muito; associando-a, deste modo, ao tipo de cortesã gananciosa²⁵. Pensamos, no entanto, que Terêncio, ao colocar estas palavras na boca do parasita, não o fez com o intuito de contribuírem para a caracterização de Taís como *mala meretrix*. As palavras de Gnatão aparecem inseridas numa cena que procura contribuir para o habitual cómico da cena final, brilhantemente conduzida pelo parasita Gnatão à custa da humilhação do soldado Trasão, humilhação que começa pelo magistral retrato traçado por Gnatão, que o considera “um mãos-largas, idiota, imbecil, molengão, que ronca dia e noite”:

*Cogita modo: tu hercle cum illa, Phaedria,
ut libenter uiuis (etenim bene libenter uicitas),
quod des paullum est, et necesse est multum accipere Thaidem.
Vt tuo amori suppeditare possit sine sumptu tuo, ad
omnia haec magis opportunus nec magis ex usu tuo
nemo est principio et habet quod det, et dat nemo largius;
fatuus est, insulsus, tardus, stertit noctes et dies.
Neque istum metuas ne amet mulier; facile pellas ubi uelis. (1073-1080)*

²⁵ É um facto que Taís gostava de luxos, já que Fédria, nos versos 165-168, refere que ela lhe pediu uma criada da Etiópia e um eunuco, porque só as rainhas os têm ao seu serviço:

*Nonne ubi mi dixti cupere te ex Aethiopia
ancillulam, relictis rebus omnibus
quaesui? Porro eunuchum dixti uelle te,
quia solae utuntur his reginae: repperi.*

Humilhação que continua quando o parasita diz ao soldado que bastou que ele lhes revelasse o seu carácter e elogiasse os seus feitos e méritos para que, de imediato, os conseguisse convencer:

*Quid? Isti te ignorabant; postquam eis mores ostendi tuos
et conlaudavi secundum facta et uirtutes tuas,
impetraui. (1089-1091)*

E o retrato do soldado fica definitivamente traçado com as seguintes palavras estupidamente convencidas, proferidas pelo próprio soldado fanfarrão:

*Bene fecisti; gratiam habeo maximam.
Numquam etiam fui usquam quin me omnes amarent plurimum. (1091-1092)*

Palavras que levam certamente o leitor ou o espectador a ver com bons olhos a humilhação e o “prémio final” para esta figura patética, que ganhou o direito a ser fonte de financiamento e motivo de troça daquela família. Por tudo isto, não temos dúvidas de que a referência menos abonatória feita a Taís por Gnatão teve essencialmente como objectivo ser o argumento desencadeador desta cómica cena final²⁶, não devendo ser excessivamente valorizada para a caracterização de Taís. Consideramos ainda que o facto de Taís gostar de luxos não faz dela obrigatoriamente uma cortesã ávida, insaciável e sem sentimentos. Como vimos, o seu comportamento ao longo da peça não deixa dúvidas sobre o seu bom carácter, ainda que ela seja, indubitavelmente, amante de luxos e de algumas extravagâncias. A mistura de todas estas características faz dela uma figura naturalmente complexa, mas sem dúvida uma *bona meretrix*. Tal como acontece em relação à cortesã Báquis da *Hecyra*, D. Gilula tem uma opinião completamente diferente desta personagem: considera-a uma *mala meretrix* e procurou demonstrar – de uma forma quase obsessiva, pensamos nós – que “the plot of the *Eunuch* is the story of Thais’

²⁶ Esta cena final tem sido alvo de muita discussão. J. Barsby (1999: 283) indica vários autores que a discutiram, dos quais destacamos: G. M. Pepe (1971-1972: 141-145); C. F. Saylor (1975: 297-311); W. S. Anderson (1984: 131-132); W. E. Forehand (1985: 72-80); R. L. Hunter (1985: 93-94); S. M. Goldberg (1986: 113-122); D. Konstan (1986: 377-378 e 384-385); P. G. McC. Brown (1990: 49-61); J. Barsby (1993: 174-178).

attempts to secure a patron, her interim frustrations, and her eventual success. It is not the story of the obstacles piled in the way of her love affair with Phaedria that have to be overcome so that they may happily live together ever after.”²⁷ Parece-nos que, se o objectivo de Tais fosse apenas conseguir um protector, poderia desde logo ter ficado com o generoso soldado Trasão e ter rejeitado Fédria, que, materialmente, tinha muito menos para lhe dar. Mas a verdade é que ela fez exactamente a escolha contrária, preferindo o amor de Fédria (1038 sqq.) à riqueza de Trasão, que se mantém no final apenas para ser o bombo da festa e não mais do que isso.

BÁQUIS (*Hecyra*)

Apesar de homónimas, não há comparação possível entre a caprichosa Báquis do *Heautontimorumenos* e a Báquis bondosa e humana da *Hecyra*. Embora esta apareça em cena apenas no início do acto V, ela encontra-se no centro da história desde o começo da peça. A primeira referência a ela é feita logo na cena I do acto I, no verso 60, quando Filóti se espanta com o facto de Pânfilo ter quebrado o juramento que fizera a Báquis de que não se casaria com outra mulher enquanto ela fosse viva. Logo depois somos informados pelo escravo Parmenão que Báquis despertou em Pânfilo uma intensa paixão e com ele manteve uma relação até ao momento em que Laques, o pai de Pânfilo, o obrigou a casar com a vizinha Filúmena:

Hanc Bacchidem

amabat ut cum maxime tum Pamphilus,

cum pater uxorem ut ducat orare occipit. (114-116)

O primeiro retrato da cortesã é traçado precisamente por Parmenão, quando este, implicitamente, o procura fazer por contraste com as qualidades de Filúmena, uma pessoa de coração liberal e uma esposa discreta, reservada, capaz de suportar todos os desgostos e injúrias do marido e de encobrir as suas ofensas:

²⁷ (1999: 164).

*Atqui ea res multo maxime
diiunxit illum ab illa, postquam et ipse se
et illam et hanc quae domi erat cognouit satis,
ad exemplum ambarum mores earum existimans.
Haec, ita uti liberali esse ingenio decet,
pudens, modesta, incommoda atque iniurias
uiri omnis ferre et tegere contumelias.
Hic animus partim uxoris misericordia
deuinctus, partim uictus huius iniuriis,
paulatim elapsus Bacchidi atque huc transtulit
amorem, postquam par ingenium nactus est. (160-170)*

Para além de explicitamente considerar Báquis “muito fria e mais exigente” (159: *maligna multo et magis procax*), está, de facto, como já reconheceu W. Medeiros²⁸, implícito, por contraste, nas palavras de Parmenão, que a cortesã não teria “coração liberal” (164: *liberale ingenium*), nem seria “discreta” nem “acomodada” (165: *pudens, modesta*). Mais ainda, enquanto que Filúmena era capaz de suportar as injúrias e as ofensas que Pânfilo lhe fazia, Báquis não só não seria capaz de o fazer, como, pelo contrário, ela própria o ofendia intencionalmente. Em suma, o escravo procura dar dela uma imagem de *mala meretrix*. A verdade é que os factos mostrarão, como veremos, que Parmenão estava errado no retrato que, por contraste, fez de Báquis.

O carácter da cortesã revela-se pela primeira vez quando o velho Laques a procura, por estar convencido de que ela é a responsável pelos problemas que afectam o casamento do seu filho. A expressão de Báquis, ao encontrar-se com o velho Laques, começa por revelar algum embaraço e apreensão (727-728), em primeiro lugar porque ele é o pai de Pânfilo, e depois porque ela tem consciência da sua condição de cortesã e dos prejuízos que o nome da sua profissão lhe pode causar; mas somente por isso, porque em matéria de correcção ela orgulha-se da sua conduta (734-735). A evidente preocupação do velho em criar, através de frases de cariz hipocritamente moralizante, o ambiente de confiança que mais lhe convinha, levou Báquis a comentar ironicamente as palavras de pretensa preocupação do velho em não querer ofendê-la, mas só depois de já o ter feito (741-742). O facto de Báquis ter a clara noção da correcção da sua conduta leva a cortesã a afirmar ao velho Laques, de modo solene e manifestando uma evidente

²⁸ (1987: 151, n.69).

nobreza de carácter, que não voltou a receber Pânfilo no seu leito²⁹ depois que ele se casou:

*Aliud si scirem qui firmare meam apud uos posse[m] fidem
sanctiusquam ius iurandum, id pollicerer tibi, Lache,
me segregatum habuisse, uxorem ut duxit, a me Pamphilum. (750-752)*

Este comportamento de Báquis em relação a Pânfilo visava um único objectivo: desiludir o seu antigo apaixonado, de modo a não criar obstáculos à sua felicidade conjugal. As palavras da cortesã eram, naturalmente, dignas de admiração e de reconhecimento. E até Laques, que não era homem para sentir admiração e reconhecimento por uma cortesã, terá ficado de tal modo entusiasmado com a afirmação de Báquis, que de imediato a elogiou, considerando-a “um encanto de moça”, mas logo depois procurou tirar proveito do elogio e não teve qualquer relutância em lhe pedir, através de um pedido que mais parece uma ordem, que fosse ela própria dizer a Filúmena e à sua mãe que não voltou a ter qualquer contacto sexual com Pânfilo depois do seu casamento:

*Lepida es. Sed scin quid uolo potius sodes facias? (...)
Eas ad mulieres huc intro atque istuc ius iurandum idem
pollicear illis; exple animum is teque hoc crimine expedi. (753-755)*

Báquis, embora consciente de que nenhuma outra mulher da sua profissão o faria – nem por dinheiro – aceita o sacrifício de se submeter a essa humilhação e, procurando sufocar a angústia do seu coração, só pensa em, abnegadamente, evitar que Pânfilo seja injustamente acusado de algo que não tem feito e ajudar a salvar o casamento de Pânfilo e Filúmena:

*Faciam quod pol, si esset alia ex hoc quaestu, haud faceret, scio,
ut de tali causa nuptae mulieri se ostenderet;
sed esse falsa fama nolo gnatum suspectum tuom,
nec leuiorem uobis, quibus est minime aequom, eum uiderier
inmerito; nam meritus de me est quod queam illi ut commodem. (756-760)*

²⁹ Esta afirmação de Báquis parece contradizer aquilo que Parmenão diz a Filótis no v.157, quando lhe afirma que Pânfilo – que apesar de se ter casado não deixara de amar Báquis – continuava a ir todos os dias a casa de Báquis; mas essa contradição é apenas aparente, pois logo a seguir realça que ela se tornou muito fria e exigente (v.159), o que, certamente, não propiciava as relações mais íntimas. Cf. W. Medeiros (1987: 175, n.226).

A resposta de Báquis é, como já salientou W. Medeiros, “mais ornada do que se esperaria daquele momento de emoção” já que recorre ao uso de “(jogos etimológicos: 756 *faciam haud faceret*, 760 *inmerito meritus*; uma aliteração: 758 *falsa fama*; um homeoptoto: 758 *gnatum suspectum tuom*, em rima com *aequom* do verso seguinte; uma projecção: 760 *inmerito*), mas a abnegação que ressuma das suas palavras resiste, apesar de tudo, ao artifício das roupagens que a envolvem.”³⁰ As últimas palavras de Báquis deixam transparecer a gratidão que sente pela forma como Pânfilo sempre a tratou, e considera-o, por isso, merecedor de todo o seu reconhecimento. Esta atitude é reveladora de toda a sua nobreza de carácter. E até Laques muda um pouco a opinião que tinha a respeito dela (762-763), chegando mesmo a oferecer-lhe a sua amizade, mas apenas enquanto Báquis proceder deste modo, pois se eventualmente ela mudar o seu comportamento, passará a tê-lo como inimigo. Por isso termina com um conselho, que é mais uma ameaça: mais vale tê-lo como amigo do que como inimigo (764-767).

Como a cortesã parecia hesitar em cumprir o que acabara de prometer a Laques, este reitera o seu pedido nos versos 786-787:

*Quaeso edepol, Bacchis, quod mihi es pollicita tute ut serues.
(...) I atque exple animum is, coge ut credant.*

Báquis acaba por aceder ao pedido, mas muito penosamente e com particular relutância, pois ela tem consciência de que a sua presença lhes será antipática, já que é sabido que uma mulher casada é inimiga da cortesã quando, por causa desta, é rejeitada pelo marido:

*Eo, etsi scio pol is fore meum conspectum inuisum hodie;
nam nupta meretrici hostis est, a uiro ubi segregata est. (788-789)*

A humanidade e sensibilidade de Báquis revelam-se também na angústia que ela sente pelo passo que assumiu dar e que, de forma algo comovente, procura atenuar, apoiando-se nas duas escravas que leva consigo para dentro de casa de Filúmena (793: *Perii, pudet Philumena. Me sequimini intro huc ambae*).

³⁰ (1987: 176, n.228)

Depois da cortesã ter entrado em casa de Filúmena para concretizar o doloroso pedido que lhe foi feito, Laques revela toda a mesquinhez da sua alma quando, ao esfregar as mãos de contente, não só não tem a mínima noção do enorme sacrifício que exigira a Báquis, como ainda acha que aquele acto não lhe vai custar muito porque dele lhe advirá honra e proveito:

*Quid est quod mihi malim quam quod huic intellego euenire
ut gratiam ineat sine suo dispendio et mihi prosit?
Nam si est ut haec nunc Pamphilum uere ab se segregarit,
scit sibi nobilitatem ex eo et rem natam et gloriam esse,
referet gratiam ei unaque nos sibi opera amicos iungit. (794-798)*

Após o sacrifício, a angústia, e até a vergonha e humilhação por que passou, ao aparecer perante Mírrina e Filúmena para lhes explicar que não tinham razões para suspeitar da infidelidade de Pânfilo, Báquis procura, através de um monólogo de 25 versos (816-840), encerrar um capítulo da sua vida, começando por deixar transparecer toda a sua felicidade pela alegria proporcionada a Filúmena e a Pânfilo através de três exclamações com a repetição anafórica de *quot* nas duas últimas:

*Quantam obtuli aduentu meo laetitiam Pamphilo hodie!
Quot commodas res attuli! Quot autem ademi curas! (816-817)*

É a própria Báquis que diz sentir-se contente por ter sido ela a proporcionar-lhe tantas alegrias (833: *Haec tot propter me gaudia illi contigisse laetor*). Ela tem, no entanto, consciência de que as suas companheiras de profissão não pensam da mesma forma, já que lhes convém que os seus amantes se dêem mal com as esposas:

*Etsi hoc meretrices aliae nolunt; neque enim est in rem nostram
ut quisquam amator nuptiis laetetur; uerum ecastor
numquam animum quaesti gratia ad malas adducam partis. (834-836)*

Mas Báquis é mesmo diferente das outras cortesãs. Como ela própria afirma, seria incapaz de deixar que o seu coração fosse levado para o mal, por muitos benefícios que isso lhe trouxesse. Até porque reconhece que, enquanto lhe foi permitido, teve em Pânfilo um amigo simpático, generoso e delicado, e por isso, por muito que tal atitude lhe

custe, acha que quando se receberam muitos benefícios de alguma pessoa convém também suportar os desgostos que dela nos advêm:

*Ego dum illo licitumst usa sum benigno et lepido et comi
Incommode mihi nuptiis euenit, factum fateor;
at pol me fecisse arbitror ne id merito mihi eueniret.
Multa ex quo fuerint commoda, eius incommoda aequomst ferre. (837-840)*

É evidente, nestes versos, o seu sentimento de gratidão para com Pânfilo, mas o seu altruísmo leva-a ainda a dizer-lhe que ela está contente por tudo ter corrido bem para ele, e que fez bem em amar a sua mulher, pois ela pareceu-lhe uma verdadeira senhora:

*Recte amasti, Pamphile, uxorem tuam;
nam numquam ante hunc diem meis oculis eam quod nossem uideram;
perliberalis uisast. (862-864)*

A cortesã Báquis é, pois, um elemento fundamental na resolução do drama, é ela a chave da reconciliação de Pânfilo e Filúmena, quando se descobre que ela trazia o anel que fora roubado a Filúmena pelo homem que a violara, e quando se fica a saber que esse mesmo anel havia sido oferecido à cortesã por Pânfilo numa noite em que este estava completamente embriagado. Foi, portanto, graças a ela que se descobriu que, afinal, o violador de Filúmena tinha sido o próprio marido e que, conseqüentemente, ele era o pai da criança que acabara de nascer (cf. 818-832).

Báquis foi, ao longo da peça, tão abnegada e incompreendida como Sóstrata, de tal modo que também somos dos que pensam que a peça poderia perfeitamente chamar-se *Meretrix* em vez de *Hecyra*.³¹ Como afirma W. Medeiros, “Pânfilo não entendeu, as amigas não entenderam que a arrogância da cortesã, a sua aparente frieza eram uma violência feita ao próprio coração, uma oferenda de amor ao homem que de ora avante pertencia a outra. A cortesã está magoada, confessa-o a si mesma e às amigas, mas não quer ser um obstáculo à fidelidade conjugal de Pânfilo (...) E, como longas explicações envolvem sofismas e recaídas, Báquis optou pelo remédio heróico da frieza. Pânfilo não entendeu, mas ficou desencantado e afastou-se, buscou refúgio em Filúmena, no amor que tinha rejeitado.”³² De facto,

³¹ Cf. W. Medeiros (1987: 17).

³² *Ibid.* 17-18.

nem Parmenão nem Filótis compreendem, nos versos 159-160, que Báquis se tornou mais fria e exigente em relação a Pânfilo não por ressentimento mas sim para deliberadamente desencantar o seu antigo apaixonado e, deste modo, não criar mais obstáculos à felicidade conjugal de Pânfilo e Filúmena.

A figura de Báquis é, à semelhança de Taís, do *Eunuchus*, uma figura cheia de gentileza e bondade, capaz de se humilhar e anular em prol da felicidade dos outros.³³

FILÓTIS e SIRA (*Hecyra*)

Nas duas primeiras cenas que compõem o acto I da *Hecyra*, aparecem duas outras cortesãs como personagens secundárias: Filótis, uma jovem amiga de Báquis, que revela bons sentimentos e sensibilidade; e Sira, uma velha que acompanha Filótis e que serve essencialmente, como se verá, para, por contraste, realçar as qualidades de Filótis. A primeira cena é protagonizada somente pelas duas cortesãs e assume um carácter semijocoso, precisamente em resultado do contraste entre a juventude e a ingenuidade de Filótis e a velhice e frustrações de Sira.

Embora Filótis não tenha grandes ilusões sobre a fidelidade dos homens em relação às cortesãs, ela manifesta, no entanto, uma ingénua admiração desconsolada quando, regressando a Atenas depois de ter estado dois anos fora, fica a saber que Pânfilo quebrara o juramento que fizera a Báquis de que nunca, enquanto ela fosse viva, se casaria com outra mulher:

*Per pol quam paucis reperias meretricibus
fidelis euenire amatores, Syra.
Vel hic Pamphilus iurabat quotiens Bacchidi
quam sancte, ut quiuis facile posset credere,
numquam illa uiua ducturum uxorem domum!
Em duxit! (58-63)³⁴*

³³ Esta é a opinião da maior parte dos estudiosos da obra terenciana. (Cf. e. g. W. Schadewaldt (1931: 1-29); G. Norwood (1923: 97-98); W. E. J. Kuiper (1938: 36); W. Medeiros (1987: 17). No entanto, D. Gilula, no seu já citado estudo sobre as cortesãs terencianas, não partilha desta opinião e procura, ao longo das páginas 154-161, demonstrar, com argumentos que não considero convincentes, que Báquis é uma *meretrix mala*.

³⁴ Filótis repete, com palavras semelhantes dirigidas ao escravo Parmenão, nos versos 97-100, a sua estranheza por este tipo de comportamento de Pânfilo.

A velha Sira aproveita este comentário para, de uma forma crua e eivada de raiva, expor a sua filosofia de vida, que vê nas relações entre as cortesãs e os seus amantes um verdadeiro campo de batalha onde tudo vale. Assim, começou por aconselhar a sua jovem companheira de profissão a nunca ter pena de homem algum e a roubar, estropiar e esfolar cada um que se encontre com ela:

*Ergo propterea te sedulo
et moneo et hortor ne cuiusquam misereas
quin spolies mutiles laceres quemque nacta sis. (63-65)*

Quando Filótis, incrédula e chocada com as últimas palavras de Sira, pronunciadas – como salientou W. Medeiros – “em rápida acumulação rabiosa, sublinhada pelo assíndeto e pelo homeoteleuto”³⁵, lhe pergunta se não se pode abrir uma excepção para ninguém (66: *Vtin eximium neminem habeam?*), a velha cortesã, acicatada pela raiva que a invade, responde-lhe, de um modo brutal, com um aniquilador *neminem*, imediatamente seguido de um *nemo illorum quisquam* pleonástico e generalizante que, como notou W. Medeiros³⁶, se projecta no futuro através do parentético *scito*, pois, continua categoricamente a velha, o que todos eles querem é satisfazer o seu prazer com o mínimo custo possível:

*Neminem;
nam nemo illorum quisquam, scito, ad te uenit
quin ita paret sese abs te ut blanditiis suis
quam minimo pretio suam uoluptatem expleat. (66-69)*

E tipos destes não merecem ser enganados? Pergunta a velha Sira (70: *Hiscine tu amabo non contra insidiabere?*). A sensatez de Filótis fica bem patente no comentário que faz às anteriores palavras de Sira, ao afirmar não ser justo meter todas as pessoas na mesma medida (71: *Tamen pol eandem iniurium est esse omnibus*). O bom senso da jovem cortesã leva a sua velha companheira a, de um modo desencantado, retomar o *iniuriumst* de Filótis para deixar bem patente toda a sua sede de vingança e toda a sua desolação – por já não ter a idade e beleza da sua jovem companheira – e lamentar o facto de Filótis não pensar como ela:

³⁵ (1987: 147, n.32).

³⁶ Cf. *ibid.* 147, n.33.

*Iniurium autem est ulcisci aduersarios,
aut qua uia te captent eadem ipsos capi?
Eheu me miseram! Cur non aut istaec mihi
aetas et forma est aut tibi haec sententia? (72-75)*

Ao contrário de Sira, Filótis é sensível: comove-se facilmente e indigna-se com as atitudes que considera injustas, reacções que fazem dela, indubitavelmente, uma *bona meretrix*. É o que acontece quando, mais tarde, ouvindo o relato que Parmenão faz da insistência de Laques para que Pânfilo casasse, ainda que contra a sua vontade, com Filúmena, a impulsiva Filótis exclama indignada: “Ah, que os deuses e as deusas te arruinem, mais à tua casmurrice, Laques!” (134: *At te di deaeque perduint cum isto odio, Laches!*).

Na segunda cena junta-se às duas cortesãs o escravo Parmenão que, ao aperceber-se das duas mulheres, fica surpreendido com a presença de Filótis, que estava ausente de Atenas há dois anos. É significativo o facto de ele se referir a ela com um afectuoso diminutivo: *Philotium* (81), que volta a utilizar por duas vezes, nos versos 89 e 197, e de se lhe dirigir com um carinhoso “Filótis!... Ora viva quem é uma flor!...” (82: *Philotis, salue multum!*) que contrasta com o ignorar da velha Sira que, sentindo-se desdenhada por ter sido esquecida, reage com um melindrado “Bons dias, se fazes favor, Parmenão” (83: *salve mecastor, Parmeno!*). Esta disparidade na atitude do escravo é também reveladora dos sentimentos que cada uma das duas cortesãs lhe desperta: Filótis, empatia; Sira, indiferença. O diálogo algo malicioso que Parmenão e Filótis começam por manter nos versos 85-96 revela bem a cumplicidade existente entre ambos, cumplicidade que contrasta claramente com a imagem pouco abonatória que na comédia, de acordo com o tema tradicional da *meretrix mala*, se procurava dar da cortesã (cf. e.g. as palavras que o escravo Parmenão, do *Eunuchus*, profere a respeito delas nos versos 926 sqq.). Esta atitude de Parmenão é tanto mais importante, para que possamos considerar Filótis uma *bona meretrix*, quanto é este mesmo escravo que, um pouco mais adiante, nos versos 160-170, procura dar de Báquis, como vimos, uma imagem de *mala meretrix*.

No diálogo que mantém com Parmenão, a jovem cortesã volta a manifestar (97-100) a mesma estranheza que já manifestara a Sira, nos versos 58-63, sobre o comportamento de Pânfilo.

Quando Parmenão deixa transparecer algumas dúvidas sobre o futuro do casamento de Pânfilo com Filúmena (101), Filótis reage espontaneamente com um voto de “Deuses e deusas o permitam!...” (102: *ita di deaeque faxint*). Mas Filótis, que é uma cortesã com bons sentimentos, tem consciência de que não deve desejar, sem um motivo muito forte, a instabilidade de um casamento, por isso limita de imediato o seu voto, dizendo: “se for no interesse de Báquis!” (102: *si in rem est Bacchidis!*). Desta forma estar-se-ia, na sua opinião, a, de forma indirecta, repor uma justiça.³⁷

A sensibilidade de Filótis ao amor revela-se quando, como vimos, reage com indignação (134) à história que Parmenão conta e na qual deixa claro que Pânfilo casou contrariado e que foi Laques o responsável por esse casamento. A sua contrariedade era tal, garante o escravo, que Pânfilo não tocou na rapariga, nem na noite de núpcias, nem nas noites que se lhe seguiram. Esta revelação deixou Filótis incrédula e com sérias dúvidas – não fosse ela cortesã! – sobre a possibilidade de um jovem bem bebido dormir com uma moça e não lhe tocar:

*Quid ais? Cum uirgine una adulescens cubuerit
plus potus, sese illa abstinere ut potuerit!
Non uerisimile dicis nec uerum arbitror.* (138-140)

É ainda a sua mundividência – própria de uma cortesã – que a leva a comentar, com um misto de ironia e admiração, as palavras de Pânfilo, recordadas por Parmenão nos versos 148-151, segundo as quais Filúmena continuava intacta: “Mas que génio respeitador e recatado – pelo que me contas – tem esse Pânfilo!...” (152: *Pium ac pudicum ingenium narras Pamphili*), exclama Filótis.

A empatia entre Parmenão e Filótis está bem patente no final da cena II quando, na despedida, ela diz que tem de ir ter com um tipo com quem marcou um encontro (195-196), e o escravo, maliciosamente, comenta as suas palavras, fazendo votos para que os deuses favoreçam os seus negócios (196-197: *Di uertant bene / quod agas*). Essa mesma empatia é também notória quando, logo de seguida, se despede com um galante “muita saúde para ti, Filotinha!” (197: *Et*

³⁷ Cf. W. Medeiros (1987: 149, n.51).

tu bene uale, Philotium). Saliente-se que, tal como já acontecera à chegada, também no momento da despedida o escravo volta a ignorar Sira, a lúgubre figura terenciana da qual, em resultado de todas as frustrações e amarguras acumuladas ao longo dos anos, emana apenas cinismo, ódio e sede de vingança. Não há dúvidas de que Sira contrasta com Filótis e pertence – com a Báquis do *Heautontimorumenos* – à galeria das cortesãs terencianas que fazem lembrar as suas antecessoras plautinas, sem apresentarem, no entanto, a mesma dose de truculência e de vivacidade.³⁸ O seu principal papel é realçar, precisamente por contraste, as qualidades da ladina e sensível Filótis, nomeadamente a afectividade e o sentido de justiça que esta revela.

Em jeito de conclusão, pode afirmar-se que da galeria das cortesãs terencianas sobressaem duas figuras: Báquis (a da *Hecyra*) e Taís, duas cortesãs que, pela sua generosidade e nobreza de carácter, se afastam completamente do conceito habitual de cortesã da comédia latina e não têm paralelo nas cortesãs plautinas. Aliás, a dimensão do seu protagonismo nas respectivas peças é tal, que poderiam perfeitamente ter dado o seu nome às peças respectivas.

Em função de tudo o que acabámos de dizer a respeito das cortesãs terencianas, não podemos concordar com D. Gilula quando afirma que “all the *meretrices* of Terence are various actual presentations of one basic stock-type: the *meretrix mala*”³⁹, pois particularmente as cortesãs Báquis, da *Hecyra*, e Taís são, na nossa opinião, indubitáveis exemplos de *bonae meretrices*.

BIBLIOGRAFIA

ANDERSON, W. S. (1984), “Love plots in Menander and his Roman adapters”, *Ramus* 13, 131-132.

BARSBY, J. (1993) “Problems of adaptation in the *Eunuchus* of Terence” in N. W. Slater and B. Zimmermann (eds.), *Intertextualität in der griechisch-römischen Komödie*, Stuttgart, 174-178.

BARSBY, J. (1999) *Terence – Eunuchus*, Cambridge.

CHARBONNIER, G. (1969) “La courtisane de Plaute à Ovide”, *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, s. 4, 28, 451-550.

³⁸ Cf. G. Charbonnier (1969: 509-510).

³⁹ (1980: 164).

- COUTO, A. P. (2007) "A rivalidade pai/filho no *Mercator* de Plauto", *Ágora* 9, 41-73.
- DUCKWORTH, G. E. (1994) *The Nature of Roman Comedy. A study in popular entertainment*. Second Edition with a foreword and bibliographical appendix by Richard Hunter, Oklahoma.
- ERNOUT, A., (1932-1940) *Plaute*, Paris, Les Belles Lettres, vols. I, III e VII.
- FOREHAND, W. E. (1985) *Terence*, Boston, 72-80.
- GILULA, D. (1980) "The concept of the *bona meretrix*" *RFIC* 108, 142-165.
- GOLDBERG, S. M. (1986) *Understanding Terence*, Princeton, 113-122.
- HUNTER, R. L. (1985) *The New Comedy of Greece and Rome*, Cambridge, 93-94.
- KNORR, O. (1995) "The character of Bacchis in Terence's *Heautontimorumenos*", *AJPh* 116.2, 221-235.
- KONSTAN, D. (1986) "Love in Terence's *Eunuch*: the origins of erotic subjectivity", *AJPh* 107, 377-378 e 384-385.
- KUIPER, W. E. J. (1938) *Two Comedies by Apollodorus of Carystus, Terence's Hecyra and Phormio*, Leiden.
- MAROUZEAU, J. (1947-1949) *Térence*, Paris, Les Belles Lettres, 3 vols.
- McC. BROWN, P. G. (1990) "The Bodmer codex of Menander and the endings of Terence's *Eunuchus* and other Roman comedies" in E. Handley and A. Hurst (eds.), *Relire Ménandre*, Genève, 49-61.
- MEDEIROS, W. (1987) *Terêncio – A sogra*, Coimbra.
- MEDEIROS, W. (1992) *Terêncio – O homem que se puniu a si mesmo*, Coimbra.
- MEDEIROS, W. e COUTO, A. P. (2008) *Terêncio – Obra completa*, Lisboa, INCM, 2 vols.
- NORWOOD, G. (1923) *The Art of Terence*, Oxford.
- OLIVEIRA, F. (2006) "Amor em Terêncio" in Andrés Pociña, Beatriz Rabaza, Maria de Fátima Silva (eds.) *Estudios sobre Terencio*, Granada, 333-355.
- PEPE, G. M. (1971-1972) "The last scene of Terence's *Eunuchus*", *CW* 65, 141-145.
- SAYLOR, C. F. (1975) "The theme of planlessness in Terence's *Eunuchus*", *TAPhA* 105, 297-311.
- SCHADEWALDT, W. (1931) "Bemerkungen zur Hecyra des Terenz", *Hermes* 66, 1-29.